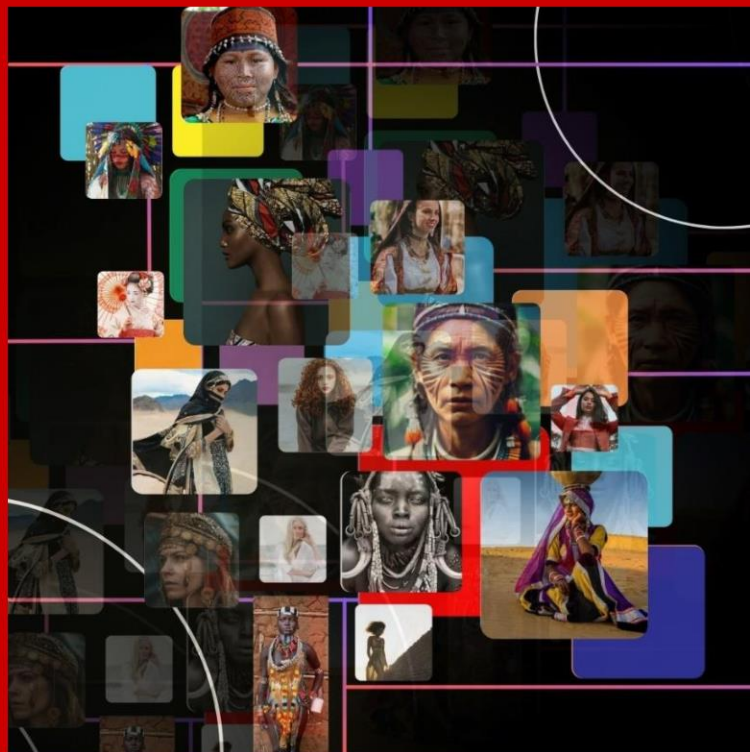




- EDITORIAIS NACIONAL E INTERNACIONAL
- ARTIGOS LIVRES: PEDAGOGIAS AFROAQUILOMBADAS, VIOLÊNCIA DE GÊNERO, INTERSECCIONALIDADE DA MULHER NEGRA E ASSÉDIO MORAL
- DOSSIÊ: INSUBMISSÕES ATRAVÉS DA PRÁTICA EDUCATIVA NÃO-SEXISTA
- PAUTAS INSUBMISSAS: ENSAIOS, REFLEXÕES E DIÁLOGOS

Revista Debates Insubmissos



Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra



Grupo de Pesquisa Movimentos
Sociais, Educação e Liberação
na América Latina



Observatório
das Movimentos Sociais na América Latina



PPGEDUC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA



REVISTA DEBATES INSUBMISSOS

ANO VII – V.7, Nº 27 – Setembro, Outubro, Novembro e Dezembro de 2024 – ISSN 2595-2803

É uma publicação quadrimestral editada pelo Grupo de Pesquisa Movimentos Sociais, Educação e Diversidade na América Latina, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Educação Contemporânea da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). As ideias e opiniões contidas em artigos assinados ou entrevistas nesta publicação são de responsabilidade de seus(as) autores(as), não refletindo, necessariamente, o pensamento epistemológico e político deste Grupo de Pesquisa ou de seus Editores.

Dados Internacionais de catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Revista Debates Insubmissos / Grupo de Pesquisa Movimentos Sociais, Educação e Diversidade na América Latina, Universidade Federal de Pernambuco. – Vol. 1, n.1 (abr. 2018). – Caruaru: Universidade Federal de Pernambuco, Grupo de Pesquisa Movimentos Sociais, Educação e Diversidade na América Latina, 2018- .

Quadrimestral

ISSN 2595-2803

1. Movimentos Sociais – Periódicos. 2. Educação e Diversidade – Periódicos. I. Universidade Federal de Pernambuco. Grupo de Pesquisa Movimentos Sociais, Educação e Diversidade na América Latina.

CDD (23.ed) 303

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
GRUPO DE PESQUISA MOVIMENTOS SOCIAIS, EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE NA AMÉRICA LATINA

Reitor

Alfredo Macedo Gomes

Vice-Reitor

Moacyr Cunha de Araújo Filho

Pró-Reitor de Pesquisa

Carol Virgínia Góis Leandro

Diretor do Centro Acadêmico do Agreste (CAA)

José Dilson Beserra Cavalcanti

Líder do Grupo de Pesquisa Movimentos Sociais, Educação e Diversidade na América Latina

Allene Carvalho Lage

Vice-Líder do Grupo de Pesquisa Movimentos Sociais, Educação e Diversidade na América Latina

Everaldo Fernandes da Silva

Editores

Allene Carvalho Lage, Boaventura de Sousa Santos, Maria Paula Meneses

Conselho Editorial Nacional

Adriano de León (UFPB); Alexandra Lima (UERJ); Ana Elisa de Castro Freitas (UFPA); Anderson Ferrari (UFJF); André Ferreira (UFPE); Benedito Medrado (UFPE); Caetano de Carli (UFRPE); Cássio Eduardo Viana Hissa (UFMG); Conceição Clarette Xavier Travalha (UFMG); Danilo Streck (UNISINOS); Debora Cristina Rezende de Almeida (UnB); Ernani Rodrigues de Carvalho Neto (UFPE); Everaldo Fernandes (UFPE); Fernando Guilherme Tenório (FGV); Gildemarks Costa e Silva (UFPE); Inês Virgínia Prado Soares (Unicamp); Jader Ferreira Leite (UFRN); Jaqueline Barbosa (UFPE); Jefferson de Souza Bernardes (UFAL); Jorge Luiz Cardoso Lyra da Fonseca (UFPE); Júlia Figueredo Benzaquen (UFRPE); Lemuel Guerra (UFCG); Lourenço da Conceição Cardoso (UNILAB); Luis Távora Furtado Ribeiro (UFC); Luiz Augusto Passos (UFMG); Márcia Nina Bernardes (PUC/RJ); Márcio Caetano (FURG); Marco Aurélio Máximo Prado (UFMG); Marcos Antonio Ferreira do Nascimento (FIOCRUZ); Marcos Ribeiro Mesquita (UFAL); Maria do Carmo Gonçalves Santos (UFPE); Maria Lúcia Lima (UFPA); Maria Luiza Alencar (UFPB); Mario de Faria Carvalho (UFPE); Mary Ferreira (UFMA); Míriam de Fátima Chagas (MPF/RS); Mônica Franch (UFPB); Nélio Vieira de Melo (UFPE); Orlandil de Lima Moreira (UFPB); Oscar Rover (UFSC); Rebecca Abers (UnB); Regina Facchini (UNICAMP); Telmo Adams (UNISINOS); Thiago Aparecido Trindade (UnB); Thula Rafaela de Oliveira Pires (PUC/RJ); Virgínia Leal (UFPE).

Conselho Editorial Internacional

Ana Maria Simões Azevedo Brandão (UMinho - ICS, Portugal); Bruno Sena Martins (CES-UC, Portugal); Eugénie Eyeang de Libreville (ENS, Gabão); Eurídice Monteiro (UCV, Cabo Verde); Evangelina Bonifácio (ESEB- IPB, Portugal); Fatima Viegas (UAN, Angola); Fernando Lopez Parra (IAEN, Equador); Fodé Abulai Mané (FDB, Guiné-Bissau); Hector Fabio Ospina (UM, Colômbia); Inés Fernandez Moujan (UNRN, Argentina); Isabel Casimiro (UEM, Moçambique); José Antonio Frías (US, Espanha); José Maria Hernandez (US, Espanha); José Tranier (UNR, Argentina); Michel Maffesoli (UPD, França); Odair Barros Varela (UCV, Cabo Verde); Osvaldo Moreira (UNI – Paraguai); Pauline Mendes (INEP, Guiné-Bissau); Zélia Anastácio (UMinho, Portugal).

Redação

Cinthia Genelice dos Santos (UFPE); Elba Ravane Amorim (UFPE); Daiany de Oliveira Santos (UFPE); Ericka Omena Erickson (SFSU - Estados Unidos); Fábila Roseana Souza Oliveira da Silva (UFPE); Filipe Antonio Ferreira da Silva (UFPE); Jessica Priscila Garcia de Souza (UFPE); Joana Teixeira Ferraz da Silva (UMinho, Portugal); Lucas Gabriel Chaves Gonçalves (UFPE); Marciano Antonio da Silva (UFPE); Márcio Rubens de Oliveira (UFPE); Perycles Emmanoel Gomes de Macedo (UFPE); Rafaela Sofia Gonçalves Ribeiro (UMinho, Portugal); Rubem Viana de Carvalho (UFPE); Sérgio Antônio Rêgo (UMinho, Portugal); Simone Salvador de Carvalho (UFPE).

Tradução e/ou Revisão dos Resumos

Ericka Omena Erickson e Veríssimo Ferreira da Silva

Projeto Gráfico

Ubiratan Egito

Capa

Mosaico de imagens elaborado pelo designer Janielson Cavalcante de Almeida.

EDITORIAL

EDITORIAL

Desde o último 7 de novembro, quando o filme brasileiro **Ainda Estou Aqui** estreou no Brasil, a sétima arte impulsionou e mobilizou milhões de pessoas a assistirem este filme do diretor Walter Salles. No elenco, Fernanda Torres interpreta Eunice Paiva e Selton Melo interpreta Rubens Paiva, além de Fernanda Montenegro numa curta e marcante presença, interpreta Eunice Paiva na velhice, com Alzheimer.

Walter Sales é considerado um dos maiores diretores e cineastas brasileiros, e mais premiado, conhecido por produções importantes para o cenário audiovisual do país e reconhecido, internacionalmente, por diversos prêmios e indicações ao Oscar para seus filmes. Entre eles *Terra Estrangeira* (1995); *Central do Brasil* (1998); *Abril Despedaçado* (2001); *Diários de Motocicleta* (2004), além de muitos outros.

Baseado no livro de Marcelo Rubens Paiva, **Ainda Estou Aqui** conta a história da família Paiva e de sua resistência contra a ditadura militar. Na década de 1970, Rubens Paiva, patriarca da família, desapareceu após ser sequestrado por militares. O filme mostra a batalha de Eunice, esposa de Rubens, e mãe de Marcelo e mais quatro crianças, por justiça, e memória de seu marido.

A escrita do livro de Marcelo Rubens Paiva só se tornou possível por conta da instalação das Comissões da Verdade¹, autorizada por Dilma Rousseff durante seu Governo, e reuniu um conjunto de informações sobre o sequestro, tortura e morte de Rubens Paiva.

Adaptado do livro de Marcelo Rubens Paiva, intitulado **Ainda Estou Aqui**, o filme de mesmo nome reconta e adapta para o cinema a história de Eunice Paiva e da sua família. Em meio ao avanço das arbitrariedades e autoritarismo do regime militar brasileiro, da década de 1970, Eunice se vê diante de um cenário de muita violência, hostilidade e obscurantismo do Estado. Em janeiro do ano de 1971, Rubens Paiva, engenheiro e ex-deputado federal, é levado por ordens do Exército do Brasil para interrogatório, mas nunca mais voltou. Eunice, sua esposa, e uma das suas

¹ A Comissão Estadual da Verdade Rubens Paiva foi criada em 2012 para apurar violações de direitos humanos durante a ditadura militar no estado de São Paulo. A comissão foi encerrada em 2015. (<https://comissaoдавerdade.al.sp.gov.br/>)

filhas também foram conduzidas, no dia seguinte, encapuzadas, para prestar depoimento. Torturada, física e psicologicamente, Eunice é liberada após cinco dias de encarceramento.

No desenrolar da trama, o filme envolve as/os espectadoras/es, no acompanhamento de uma luta incansável, vivenciada por Eunice, em torno da obtenção de notícias do seu marido, até que por via de um jornalista amigo da família, descobre que Rubens Paiva foi morto e que o seu corpo desapareceu. A morte do ex-deputado não foi oficialmente confirmada, à época, pelos militares.

Com pouco mais de 40 anos de idade, sob a responsabilidade de seguir com a vida e com o cuidado dos filhos, Eunice muda-se do Rio de Janeiro para São Paulo e decide retornar à faculdade, e aos 48 anos se forma em Direito. A partir daí, empreende uma carreira com foco na defesa dos direitos dos povos originários brasileiros.

Em 1996, após ávida luta e espera pela confirmação da morte e desaparecimento do seu marido, Eunice recebe a notícia do reconhecimento oficial do assassinato de Rubens Paiva e a lavratura da sua certidão de óbito. É neste momento que ela, em entrevista, cobra que o governo indenize as famílias de vítimas da ditadura militar do Brasil, investigue e puna os responsáveis pelos crimes cometidos naquela ocasião.

5

No desfecho do filme, Eunice aparece em meio à sua família, com saúde debilitada e sofrendo da doença de Alzheimer. Os créditos finais do longa-metragem destacam que Rubens Paiva morreu entre 21 e 22 de janeiro de 1971, em um dos quartéis do Exército Brasileiro, no Rio de Janeiro, e, que os militares denunciados por sua tortura e assassinato seguem impunes. Eunice Paiva morreu, em 2018, aos 89 anos, em São Paulo.

Além da densa história que retrata uma época sombria da sociedade brasileira, conhecida como “anos de chumbo”, o filme recebeu importante reconhecimento pela atuação de Fernanda Torres que interpretou Eunice Paiva.

O filme de Walter Salles reiniciou uma nova história para o cinema brasileiro, trazendo de volta o público em geral aos cinemas, lotando as suas salas não apenas no Brasil, mas em diversos outros países, inclusive de língua não portuguesa, tornando-se uma obra de grande relevância para a crítica cinematográfica internacional. Só no Brasil este filme já foi assistido por mais de 5 milhões de pessoas.

Ainda Estou Aqui se tornou um dos mais premiados filmes do cinema brasileiro agraciado com 40 prêmios nacionais e, principalmente, internacionais dos Festivais de Cinema mais importantes do mundo. Entre eles o Oscar de melhor Filme Internacional, o Globo de Ouro de Melhor Atriz de Drama, *Critics Choice* de Melhor Filme de Língua Não-Inglesa, Festival de Veneza de Melhor roteiro (vencedor), *Mill Valley Film Festival* de Filme Favorito do Público, Prêmios Goya de melhor filme ibero-americano.

Segundo Walter Salles, este filme demorou sete anos para ser idealizado, devido, principalmente, aos quatro anos de governo Bolsonaro que paralisou a produção cinematográfica nacional. Paralelo a todo este sucesso, principalmente o do retorno de público às salas de cinema, este filme vem sofrendo ataques frustrados da extrema-direita que tentou boicotá-lo, já que o mesmo, traz a luz os crimes cometidos durante a ditadura civil-militar no Brasil.

Ainda Estou Aqui, além de nos emocionar pela espetacular atuação de Fernanda Torres, nas grandes telas do cinema, também nos convida a revisitar a história do nosso país. Convida a seguir o fio da memória histórica do Brasil, que tem sido constantemente objeto de apagamento ou de desconhecimento, principalmente por parte dos jovens, que clamam ingenuamente por ditadura, sem ao menos saber o seu significado e o histórico de atrocidades impetrado pelo regime militar que governava o Brasil.

O filme apesar de retratar uma época distinta da nossa, cerca de 50 anos atrás, fornece uma leitura contemporânea do autoritarismo que ronda as sociedades democráticas atuais, com a ascensão e até eleição de partidos e defensores da extrema direita-fascista. E nesse sentido, não podemos esquecer dos danos políticos, econômicos, sociais, culturais e ambientais causados pelo governo Bolsonaro no Brasil.

As investidas e avanços dos discursos e governos de extrema-direita e imperialistas mundo afora, apontam para as infundas ameaças que temos vivenciado, sobretudo aos direitos de minorias e à própria história dos Direitos Humanos, nunca, efetivamente, consolidada.

A história de Eunice Paiva, o filme de Walter Salles, a atuação aclamada de Fernanda Torres deve, a todo momento, lembrar-nos da nossa história, para não ser esquecida, e muito menos ser repetida. Nesse contexto, a educação em Direitos Humanos nos inspira a pensar e resgatar o passado de crueldades, de violência, de intolerância, com a perspectiva de que, olhando

para a história e para os seus marcos, possamos promover uma educação que sirva de modelo de civilidade, de dignidade humana e de cultura democrática.

Apresentação dessa Edição

Após este editorial, seguimos com a apresentação do Editorial Internacional de Boaventura de Sousa Santos, denominado **Trump: o filho legítimo da Europa**. E na sequência todos os trabalhos das seções Artigos Livres, Dossiê e Pautas Insubmissas.

A **Seção Artigos Livres**, está composta por quatro artigos. O primeiro artigo de autoria da Doutora Ana Paula dos Santos (UFC), denominado **Pedagogias Afroaquilombadas: Possibilidades Educacionais Territorializadas** faz uma reflexão sobre a possibilidade de se pensar pedagogias negras para o afroaquilombamento do currículo, pensada para a construção de uma pedagogia territorializada para as escolas quilombolas da Região do Cariri, no Ceará. Quanto à metodologia, segundo a autora, parte da sua afrodescendência, que a faz refletir sobre como a sua história individual, enquanto mulher negra, se relaciona com a luta coletiva do povo negro. A conclusão sugere que é possível rever o currículo escolar a partir de outras cosmovisões de mundo.

O segundo artigo de autoria do Doutor José Washington de Moraes Medeiros; da Mestranda Clarissa Felipe de Oliveira e da Bacharela Paula Ribeiro Xavier (todos(as) do IFPB, Campus João Pessoa) com o título **Trabalho e Interseccionalidade: (Entre)atos da Mulher Negra**, tem por objeto averiguar a trajetória profissional da mulher negra, em relação à *raça*, à *classe* e ao *gênero* (interseccionalidade), em João Pessoa, Paraíba. Segundo os(as) autores(as) foi comprovado o quanto a discriminação e o preconceito sofridos no mercado de trabalho são acentuados por desproporções culturais e socioeconômicas referentes a ser *mulher*, *negra* e *pobre*. Nesse seguimento afirmam que, como minoria social e política, depreciações estruturais obstaculizam a inserção da negra no mercado de trabalho e/ou sua ascensão a cargos de liderança nas organizações, reiterando a sujeição subalterna e histórica, pelo sistema opressor.

O terceiro artigo da Seção Artigos Livres, de autoria do Doutor Venan Lucas de Oliveira Alencar (UFMG) e da Pós-graduada Dheniffer Ribeiro (UNICENTRO) com o título **Assédio moral e qualidade de vida: uma Percepção do Profissional de Secretariado Executivo** tem

por objetivo compreender como o profissional de Secretariado Executivo percebe e enfrenta o assédio moral e a qualidade de vida no ambiente de trabalho, considerando o contexto organizacional. A metodologia utiliza a abordagem qualitativa, com métodos como pesquisa bibliográfica, análise do discurso francesa e abordagem autoetnográfica. Segundo os autores foram identificadas oportunidades de aprimoramento, especialmente na abordagem explícita sobre igualdade de gênero e assédio moral.

E o quarto e último artigo, as autoras(es) Doutora Mariana Rabêlo Valença (UPE); do Mestre Victor Hugo Barbosa da Silva Oliveira (UPE) e da Licenciada Maria Liliane da Silva Dias (UPE) nos apresentam o artigo **Rede Urbana e Distribuição dos Serviços de Atendimento às Vítimas das Violências de Gênero em Pernambuco**, o qual analisam a distribuição dos serviços de atendimento às mulheres vítimas de violência na rede urbana de Pernambuco, discutindo a relação entre acessibilidade, desigualdades territoriais e vulnerabilidade social. Segundo os(as) autores(as) a abordagem fundamenta-se nas Geografias Feministas e em categorias como gênero e interseccionalidade, mostrando como fatores socioespaciais contribuem para perpetuar a violência e dificultam o rompimento de ciclos de opressão.

A Seção Dossiê, com o tema **Insubmissões através da prática educativa não-sexista**, coordenada pelos professores Doutor Sérgio Rêgo e Doutoranda Joana Teixeira Ferraz da Silva (ambos da UMinho) e Doutor Jean Von Hohendorff (IMED- Passo Fundo) reúne seis artigos.

O primeiro deles, do Doutor Sérgio Antônio Silva Rêgo, da Doutoranda Joana Teixeira Ferraz da Silva e da Mestra Rafaela Sofia Gonçalves Ribeiro (todos/as da UMinho – Portugal) é intitulado **Educação Não Sexista como Prática de Liberdade: Teoria Feminista na Ação Pedagógica**, no qual aborda as relações de manutenção de estruturas opressivas no campo da educação, nomeadamente no que se refere à diversidade sexual e de gênero, que segundo os/as autores/as podem, por meio de uma perspectiva freireana e da teoria feminista, vislumbrar práticas pedagógicas que incentivem a que os/as educandos/as sejam mais autônomos/as. Recorrem a uma metodologia de tipo qualitativo e exploratório na perspectiva de elencar o processo de construção de práticas regulares de educação não sexista no campo escolar.

O segundo artigo da Doutora Maria da Conceição Silva Lima (UFPE) e do pedagogo Thomaz Virginio Jordão (PMR), é denominado **Meu Carrinho Rosa e minha Boneca Azul: Desconstrução da Concepção Binária de Gênero na Educação Infantil**. Nesse artigo a

autora e o autor propõem analisar a ocorrência de possíveis binarismos de gênero quando educadores de uma creche pública do Recife articulam as cores, brinquedos e brincadeiras em seu fazer pedagógico. Os resultados, conforme aponta no artigo, mostram que, no geral, os(as) educadores(as) tendem a adotar a concepção binária de gênero, principalmente quando os direcionamentos e escolhas partem deles. Quanto à autonomia, os dados indicam que as crianças raramente são consultadas nas decisões que envolvem o brincar.

O terceiro artigo dos/as autores Doutora Kelly Almeida de Oliveira, Doutor Luis Henrique Serra e Especialista Maria Nayara Oliveira Torres (todos UFMG) tem por título **Estereótipos Femininos nos Contos de Fadas e a Formação das Identidades Femininas: Percepções de Professoras Codoenses**, no qual analisam os estereótipos femininos nos contos de fada europeus e sua relação com a formação das identidades femininas, ou seja, as representações de mulheres nas personagens desses contos nas versões dos filmes de animação da Walt Disney *Studios* e no livro *Contos de Fadas em Suas Versões Originais* (2019). A pesquisa demonstrou a relação dos contos de fada e a formação das identidades femininas, e as professoras estão cientes da existência de estereótipos nos contos de fada e da necessidade de discuti-los e desconstruí-los ao longo de suas aulas.

9

O quarto artigo da Doutora Tatiane de Oliveira Pinto (UFRRJ), do Mestrando Matheus Moreira Soares (UFRJ) e da Especialista Lohany Souza Ferreira Coelho (IFRJ) é designado por **Diálogos Étnico-Raciais e de Gênero: Uma Experiência de Extensão Universitária e Trabalho Remoto na Pandemia de COVID 19**, traz uma reflexão resultante das ações do projeto de extensão na área de Direitos Humanos “Construindo Pontes e Ressignificando Saberes a Partir das Questões de Gênero, Raça/Etnia”, desenvolvido no período de março de 2020 a fevereiro de 2021. Utilizam a metodologia participativa e dialógica, além de levantamento bibliográfico, por meio de uma revisão bibliográfica exploratória e descritiva. Segundo as/os autoras/es, a partir da execução das ações, foi possível uma maior aproximação com outros atores sociais, o que gerou valiosas trocas e interlocuções acerca dos temas de gênero e raça/etnia.

O quinto artigo, da Doutora Letícia Cardoso Barreto e da Mestranda Ana Luiza do Nascimento Rezende (ambas da UFMG) é nomeado **Travestilizando de Sensibilidade as Ruas e as Universidades”: Travestis e Permanência Universitária**. Nesse trabalho,

buscaram compreender como a presença de travestis pesquisadoras tem causado mudanças institucionais em termos de acesso e permanência nas universidades públicas do Brasil. A análise se concentrou em três instituições: UFSC, UNICAMP e USP. Segundo as autoras, os resultados indicam propostas ainda frágeis, mas fundamentais para a permanência, além de ressaltar a importância das próprias travestis na implementação de tais políticas, assim como a importância de se trilhar esse caminho coletivamente.

E o sexto e último o artigo do Dossiê, da Doutoranda Daniela Maroja Ribeiro (PUC-GO) e da Doutora Leandra Vaz Fernandes Catalino Procópio (Universidad Autónoma de Madrid) é intitulado **Pensamento Visual e Neurodidática para uma Educação Não Sexista e Não Adultocentrada: Análise de Três Campanhas Educativas na Universidade Autônoma de Madrid**, no qual se propõe a analisar, a partir de imagens e seu potencial didático as aprendizagens e transformações do/no ambiente educacional desde uma perspectiva feminista (OCHIA, 2007; MORGADE, 2011) e não adultocentrada (TARDELLI, 2021), especialmente em sua relação com a psicologia dos afetos e emoções que as imagens são capazes de desenvolver (ABREU, 2022). A análise de conteúdo foi realizada sobre três campanhas educativas, cujo diferencial está na ênfase na comunicação imagética em conteúdos não sexistas e contra a desigualdade de gênero desde a infância, algo essencial na formação de pedagogas atuantes em uma Educação não sexista.

Finalmente, a Seção Pautas Insubmissas reúne cinco diversos escritos em forma de ensaios, reflexões e diálogos. O primeiro, de autoria da Doutora Inés María Fernández Mouján (Universidad Nacional de Mar del Plata), intitulado **Cuestiones Epistemológicas y Metodológicas desde un enfoque de Teorías Críticas Periféricas** deriva de suas pesquisas mais recentes e dos diálogos que vem mantendo há alguns anos com colegas do Brasil e da Argentina. Parte da necessidade de interrogar os quadros epistemológicos e metodológicos em momentos de urgência política, a partir de uma abordagem de “teorias críticas periféricas” (Gruner, 2016). Segundo a autora, as perguntas que orientam sua proposta epistemológica são: O que entendemos por teorias críticas periféricas? O colonial é um acontecimento ou é uma condição estruturante da crítica? Que lugar ocupa a noção de colonialidade? Com que chaves metodológicas podemos abordar uma prática educativa que guarde coerência com as teorias críticas periféricas? Aonde leva-nos a crítica epistemológica e metodológica indisciplinada?

O segundo trabalho do Doutorando Macdouglass de Oliveira e da Doutora Fabíola de Sousa Braz Aquino (ambos da UFPB), designado como **Papel da Educação Infantil no Enfrentamento ao Abuso Sexual de Crianças: Concepções e Práticas Profissionais**, parte da premissa de que o Abuso Sexual Infantil - ASI constitui-se como problema político e social, e demanda a construção de políticas efetivas de proteção e, especialmente, de prevenção e enfrentamento. A pesquisa buscou levantar em bases de dados científicas como é abordado o enfrentamento ao abuso sexual por parte de profissionais da Educação Infantil. Os resultados, segundo seus autores, demonstraram a existência da compreensão por parte das(os) profissionais sobre o conceito de ASI e as formas de identificação. E as práticas identificadas como preventivas e de enfrentamento são encaminhadas aos equipamentos do Sistema de Garantia de Direitos da Criança e do Adolescente – SGDCA e aos familiares das crianças abusadas.

No terceiro escrito, o Mestre Gustavo Macêdo do Carmo (UFMG) e a Doutora Fernanda Bassoli (UFJF) nos apresenta o trabalho **Reflexões sobre a Profissionalização Docente de um Biólogo Dissidente LGBTTIQA+** no qual tem por objetivo central analisar os diferentes processos que perpassaram a profissionalização docente de um biólogo homossexual, atravessando suas vivências durante a educação básica, construídas sob a égide da heteronormatividade, e durante sua formação inicial e continuada. Com base nos saberes experienciais transcritos aqui, Os/as pesquisadores buscaram refletir sobre a importância de práticas pedagógicas inclusivas que contribuam para a difusão do respeito à diversidade nos espaços de ensino.

No quarto escrito, o Doutor Wanderson Barbosa dos Santos (UnB) nos mostra uma reflexão sensível denominada **Enoitecer os Afetos: Notas sobre o Averso da Pele de Jeferson Tenório**, na forma de uma crítica literária do romance *O avesso da pele* de Jeferson Tenório. A partir do romance, são discutidas questões referentes ao tema da formação da negritude e sua relação com as expressões do racismo na sociedade brasileira. Segundo o autor, essa obra literária rascunha reflexões que servem de mote para o questionamento dos problemas relacionados ao tema do racismo, ao mesmo tempo que mira para um ideal de formação do negro ancorado em questões de ancestralidade e cultivo do subjetivo, entendido como formação do avesso.

E no e último texto dessa Seção, o Mestre Nicolas Rodrigues de Mello (UFRGS) reflete em seu ensaio denominado **O Papel do Diálogo no Ensino de História: Relações entre o Pensamento Histórico e o Pensamento Crítico Através de Grupos de Debate**, problematiza a relação entre a formação do pensamento histórico e do pensamento crítico por meio do diálogo, categoria de conexão de visão de mundos, durante a prática com debate formal, que ocorreu no ano de 2023, com a turma do 8º ano da EEEF Othelo Rosa, localizada na cidade de Porto Alegre. Segundo o autor, foi concluído que o estudo possibilitou maior conscientização a respeito do tema e possibilitou que os e as estudantes se sentissem agentes da História, na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Assim, concluímos mais um número, sempre resultante do trabalho empenhado de toda a equipe da Redação, dos editores/as e da confiança que pesquisadores de várias instituições, estado e até países depositam em nossa Revista.

Que as agruras da nossa história recente nos mobilize a seguir na luta por direitos mais equitativos, por justiça social e reconhecimento identitário em vários campos sociais. Onde a violência estatal da extrema-direita, sempre à espreita, sustentada pelo ranço cultural perverso do autoritarismo, seja vista como aquilo que não deve se repetir e não se pode tolerar. E, que a vida, todas elas, sejam, verdadeiramente, um direito inalienável de todas as pessoas. Essa é a luta que continuaremos lutando, porque AINDA ESTAMOS AQUI.

Nestes dias de Carnaval, reafirmamos a nossa utopia e alegria, porque os melhores dias estão despontando em nossos horizontes.

Primeiras noites de março de 2025.

Allene Lage (Co-editora)

Márcio Rubens Oliveira (Coord. de Redação)